



**Fondation
Lilian
Thuram**
Éducation
contre
le racisme

www.thuram.org

LILIAN THURAM

PENSAMENTO
BRANCO

TRADUÇÃO DE
SUSANA SOUSA E SILVA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X X I I

O autor agradece a Arnaud Gonzague
o seu contributo fraterno para este livro.

© 2022, Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 — E.10
1750-149 Lisboa — Portugal
Tels.: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: *La pensée blanche*
© Editions Philippe Rey, 2020

Esta edição é publicada mediante acordo com as
Editions Philippe Rey em parceria com os agentes por si
nomeados, Books And More Agency #BAM, Paris, França,
e The Ella Sher Literary Agency, Barcelona, Espanha.
Todos os direitos reservados.

Título: *Pensamento Branco*
Autor: Lilian Thuram
Tradução: Susana Sousa e Silva
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Março de 2022

ISBN 978-989-671-666-0
Depósito Legal n.º 494653/22

ÍNDICE

| | |
|------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO | II |
| I. A HISTÓRIA | 21 |
| 1. Os nossos imaginários | 23 |
| 2. Uma Antiguidade fraudulenta? | 29 |
| 3. Quem descobriu a América? | 35 |
| 4. O comércio de escravos | 42 |
| 5. A religião cristã | 45 |
| 6. O Iluminismo | 48 |
| 7. A ciência das raças | 58 |
| 8. Colonizar | 67 |
| 9. Civilizar | 80 |
| 10. Uma colonização que perdura? | 86 |
| II. SER BRANCO | 103 |
| 1. Territórios | 109 |
| <i>A defesa do território</i> | 109 |
| <i>Controlar</i> | 119 |
| <i>Discriminar</i> | 128 |
| 2. Um racismo sistémico | 134 |
| <i>Um racismo não declarado</i> | 134 |
| <i>A dança das cadeiras</i> | 143 |
| <i>O universalismo</i> | 148 |
| 3. Quem não é branco? | 154 |
| <i>Um vestígio colonial</i> | 154 |
| <i>O comunitarismo</i> | 162 |
| <i>O racismo contra os brancos</i> | 166 |
| <i>As estatísticas «étnicas»</i> | 175 |

| | |
|-----------------------|-----|
| III. TORNAR-SE HUMANO | 181 |
| 1. O suicídio de raça | 183 |
| 2. <i>Pwofitasyon</i> | 202 |
| 3. Tornar-se bárbaro | 207 |
| 4. O em-comum | 219 |
| | |
| CONCLUSÃO | 229 |
| | |
| Bibliografia | 239 |
| Índice onomástico | 247 |
| Agradecimentos | 254 |

À minha primeira estrela, a minha mãe, Marianna
Às minhas irmãs, Martine e Liliana
Aos meus irmãos, Gaëtan e Antonio
Às minhas duas águias, Marcus e Khephren
A Kareen
E a todas as crianças do mundo,
que são o sonho e a esperança dos antepassados

A Élisabeth Caillet e Lionel Gauthier,
que me apoiaram e acompanharam
em todas as etapas desta aventura editorial

«A raça branca, a mais perfeita das raças humanas.»
Manual escolar de 1877, reeditado sem alterações até 1977¹

«O Branco fez do Negro um homem.»
Victor Hugo, «Discours sur l’Afrique», *Actes et Paroles*²

«Claro que há uma guerra de raças, mas quem a começou?
E quem a continua?»
Georges Clemenceau³

«É possível colocar o ideal de liberdade acima da nossa própria vida [...].
Quanto a mim, não se pode ser livre se os outros também não o forem.»
Denis Goldberg⁴

¹ G. Bruno, 1.º ciclo do ensino básico: *Le Tour de France par deux enfants*, 1877.

² Volume 4, 1879.

³ *Le Temps*, 29 de Novembro de 1867.

⁴ Entrevista ao jornal *La Croix*, Marie Boëton, «Denis Goldberg, mon combat auprès de Mandela», 12 de Junho de 2019.

INTRODUÇÃO

Há alguns anos, fui convidado para discutir um grande projecto expositivo em torno da questão do racismo. Havia interesse em que eu fosse o curador da exposição e senti-me muito honrado por se terem lembrado de mim para ser o divulgador dessa mensagem junto do grande público. Esperava trabalhar o tema a partir de uma perspectiva inspirada numa situação que vivera numa reunião num ministério: no momento das apresentações, perguntaram-me o que fazia e a que se dedicava a fundação de que sou presidente. Respondi que estudávamos os mecanismos de dominação presentes na sociedade. Logo em seguida, dirigi a atenção dos presentes para as pessoas reunidas à volta da mesa: era notória a diferença no número de homens e de mulheres. O presidente da sessão disse: «Com efeito, há muito poucas mulheres», e retorqui: «Na verdade, não é esse o problema, o problema é haver demasiados homens.» De súbito, senti os olhares de todos os homens que se encontravam na sala pousados em mim, como se os tivesse agredido ao proferir aquela simples observação.

Passei então a explicar que, enquanto curador da exposição, desejava alterar o ponto de vista. Sempre que se fala de racismo, a tónica é colocada nos que são discriminados. Ora, eu defendia que devíamos antes interessar-nos pelas pessoas que, sem o saberem ou desejarem, tiram proveito dessa discriminação. Questionar uma categoria que nunca é questionada: a categoria branca. O que significa «ser branco»? Como é que alguém se torna branco, uma vez que ninguém nasce branco mas se torna branco? Já viram uma pessoa da cor de uma folha de papel branco? Não. Então, porque nos referimos a uma pessoa como branco ou branca? Com que idade alguém se torna branco? Será tornar-se branco o mesmo que tornar-se homem ou que ser educado para se julgar parte do grupo dominante? Enquanto falava, sentia a inquietação crescer entre os meus interlocutores.

As pessoas ditas brancas não estão habituadas a ser interpeladas sobre a cor da sua pele ou sobre o possível significado da mesma.

Prosegui: «Se queremos ganhar tempo nesta luta pela igualdade, devemos consciencializar os visitantes brancos de que são educados para não politizarem a sua cor.»

Senti incompreensão, diria até rejeição. Como se um «nós» se tivesse constituído, um «nós» que se interrogava: «Que é que este tipo pretende de nós?» Percebi que se sentiam atacados pelas minhas palavras — ainda não referi que eu era o único negro presente na sala —, da mesma maneira que os homens se sentem atacados quando se lhes diz que têm um complexo de superioridade em relação às mulheres. Eu não acusara ninguém de ser um abominável racista, mas daí a falar de *dominação branca*, com franqueza, isso já era ir longe demais... Infelizmente, a nossa conversa terminou ali.

O presente livro nasceu deste diálogo interrompido. Porque será que a maioria dos brancos se recusa a examinar esta construção identitária? Melhor dizendo: parecem nem ter consciência de que têm uma cor. Não nos referimos aos negros como «pessoas de cor»? Eis a prova cabal de que os brancos não têm cor. De resto, qual será a cor dos brancos? Considerando que existe uma minoria visível, serão os brancos a maioria invisível? O próprio termo «branco» raramente é usado na linguagem corrente para designar um grupo populacional, como se não correspondesse a nenhuma realidade. E quando tal acontece suscita uma reacção de críspação nos que assim são designados.

*

Dez anos antes deste episódio, descobri uma edição especial de uma revista dedicada ao tema «O pensamento negro»¹ que me levou a interrogar-me: se existia um «pensamento negro», existiria também um «pensamento branco»? A edição especial em causa reunia textos de e sobre Toni Morrison, Maryse Condé, Martin Luther King, James Baldwin, Aimé Césaire, Frantz Fanon... Contudo, sobre que

1 «La pensée noire. Les textes fondamentaux», *Le Point*, número especial, Abril-Maio de 2009.

escreveram todas estas pessoas negras? Sobre um mundo que inferioriza os negros. Sobre a necessidade de nos emanciparmos desta violência, a fim de nos serem reconhecidos direitos iguais aos dos brancos. Na verdade, o que nunca é dito é que King, Baldwin e os restantes apenas escrevem por reacção a um sistema. Este, porém, nunca é inteiramente nomeado. Quem concebeu um discurso que coloca os brancos no topo da «hierarquia humana»? Quem pretende fazer crer que os negros são menos capazes? Quem decidiu que eles não teriam direito às mesmas oportunidades que os homens brancos e as mulheres brancas? O pensamento racista branco.

Eis a matriz secular que a maioria dos brancos ainda não ousa encarar. Por que razão nenhuma revista dedica uma edição especial a este «pensamento branco», que criou, por oposição, este «pensamento negro»? Porque é que a própria designação «pensamento branco» poderia soar ofensiva?

Na minha opinião, estamos perante mecanismos comparáveis aos que levam à subordinação das mulheres pelos homens. «As oposições sexuais, marcadas pelo carimbo do masculino e do feminino, são hierarquizadas, no sentido em que os valores advogados por um dos pólos (o masculino) são considerados superiores aos valores defendidos pelo outro. [...] As sociedades ocidentais criaram um modelo explicativo que associa a força masculina à superioridade da essência do homem. [...] Trabalhamos sempre a partir dessa grelha de leitura arcaica e imutável que são as categorias resultantes das capacidades remotas dos nossos antepassados circunscritos ao que os seus sentidos conseguiam apreender.»¹ Não será a história da resistência dos homens à emancipação feminina mais instrutiva do que a história da emancipação feminina? Não será a história da resistência das elites brancas à emancipação dos não-brancos tão instrutiva como a história desta emancipação? Não terá chegado a altura de analisar tal vontade de preservar esta linha de cor, esta dominação, geração após geração?

É interessante notar que estudamos a arte negra, o pensamento negro, a literatura negra, a música negra, analisamo-los, expomo-

1 Françoise Héritier, *Masculin/Féminin II. Dissoudre la hiérarchie*, Paris, Odile Jacob, 2002, pp. 34-47.

-los, esmiuçamo-los. Por que motivo seria proibido estudar o pensamento branco, a literatura branca, a música branca? Certas áreas parecem escapar à sua cor, outras não. Porquê?

*

Um negro — em qualquer parte do mundo — é continuamente remetido pela sociedade para o facto de ser negro: no local de trabalho, na comunicação social. Quando circula no espaço público, é frequentemente recordado da sua cor: basta um olhar de soslaio. A expressão desconfiada daquela ou daquele que parece perscrutá-lo em busca de um indício revelador sabe-se lá de que crime. É uma sensação impossível de compreender para quem não é vítima de discriminação, pois não faz parte da sua experiência do mundo. Os brancos andam por todo o lado sem serem negativamente enclausurados na sua cor de pele pelas autoridades. Terão eles consciência desta tranquilidade, deste sentimento de liberdade, do facto de não destoarem, aonde quer que vão? Seja em França, seja nos Estados Unidos, nunca deixo de lembrar aos meus dois filhos que não devem esquecer a sua cor de pele. «Os outros vêem-vos como negros, não como brancos», digo-lhes. É muito triste, mas há que admitir: por vezes, é uma questão de vida ou de morte.

Para que me liberte da minha cor, para que ela seja uma mera característica física sem importância, os brancos têm de se libertar da sua. Como? Paradoxalmente, devem começar por tomar consciência da sua cor e do que ela lhes exige que reproduzam.

*

Uma noite, decidi telefonar a Pierre, meu amigo de infância.

- Estou, Pierre? Tudo bem?
 - Olá, Lilian. Tudo, e contigo?
 - Posso fazer-te uma pergunta?
 - Sim, claro.
 - Tens a noção de que és branco?
- Sinto uma hesitação do outro lado da linha.

- Como? Não estou a perceber.
- Concordas que eu sou negro, não é verdade, Pierre?
- Sim, claro.
- Então, se eu sou negro, tu és o quê?
- Ora... sou normal.

Desatei a rir.

- És normal? Quer dizer que eu não sou normal, é isso?
- Não, não foi isso que eu quis dizer... tu percebes, não?

Pierre e a sua resposta divertida e totalmente espontânea permitiram-me evidenciar um aspecto crucial e profundamente enraizado: mesmo as pessoas excepcionais, os amigos que consideramos quase irmãos, podem pôr a máscara branca da normalidade sem se darem conta disso. Aquele que tem uma posição dominante sente-se de tal maneira fortalecido e seguro dos seus direitos, sempre no centro, sempre no seu lugar, que olha para si próprio e se comporta como sendo a norma. É o que sucede com os brancos e, ainda, com os homens em relação às mulheres.

As mulheres têm plena consciência de que são mulheres, ou seja, estão cientes de que pertencem a um género dominado pelos homens, que ousam decidir o que elas podem ou não fazer. Quanto tempo e energia serão necessários até os homens reconhecerem que também eles vivem enclausurados em padrões de dominação, na sua masculinidade, com todas as obrigações que lhes são inerentes? Também eu sei, desde os nove anos — ao chegar a Paris vindo da ilha de Guadalupe —, que sou visto como negro e que isso nada tem de anódino. O pensamento branco colocou-me uma máscara negra, ou de negro.

A maioria dos brancos, porém, prefere viver como pessoas «sem cor»: acima de tudo, não querem examinar o significado desta cor. Porque lhes convém? Ou recearão o confronto com a realidade? Como muito bem refere a ensaísta britânica Reni Eddo-Lodge, «a sua cor de pele é a norma e todas as outras são um desvio relativamente a ela»¹. *Ser negro é não ser branco*. Ser branco, pelo contrário, é algo que não se questiona. Reni Eddo-Lodge chama-lhe «negação

1 Reni Eddo-Lodge, *Le racisme est un problème de Blancs*, Paris, Autrement, 2018.

branca»: dado que para os brancos existe apenas uma situação de facto, uma realidade que é incontestável, porque haviam de pôr em causa uma posição que os beneficia?

Investigadores de todas as áreas das ciências humanas, em particular nos países anglófonos, têm trabalhado na área dos *whiteness studies*, ou estudos da branquitude (a designação académica consagrada), procurando encontrar resposta para as seguintes perguntas: como é que os brancos, que representam 16,6 por cento da população mundial, convivem com o facto de dominarem os não-brancos, quer no seio das respectivas sociedades, quer, de forma constante, nas relações internacionais? De que modo é que esta dominação se alterou ao longo dos séculos? A França hesita em fazer uma reflexão aprofundada sobre estas questões. Gostaria de banir a palavra «raça» da sua Constituição. Mas será suficiente? Não existirá um sentimento de pertença racial nesse país?

Reflicto sobre as minhas investigações, as minhas reflexões e os meus questionamentos à luz dos estudos realizados por diversos pensadores da condição branca. «Se tenho uma consciência de raça tão forte, é apenas porque a minha diferença foi sempre assinalada de forma explícita pelo mundo que me rodeia [...]. A minha cor de pele foi politizada sem que eu nada pudesse contra isso»¹, resume Reni Eddo-Lodge. O meu desejo é que os brancos compreendam que a cor da sua pele é uma construção política. Insisto: ninguém nasce branco. É algo que não depende da sua vontade, mas que, ao contrário do que sucede com as pessoas de pele não-branca, reverte em seu benefício.

Este livro procura enfatizar certas partes da História que, apesar de negligenciadas, e até ignoradas, contribuíram para a construção da identidade branca. Não pretende ser uma condenação do racismo em termos gerais. Não se deterá em exemplos de racismo esperados, como as manifestações descomedidas de alguns partidos extremistas, centrando-se antes em situações corriqueiras que marcam a vida das nossas sociedades. O filósofo Étienne Balibar refere-se a

um «racismo sem raças»¹, ou seja, à construção e à legitimação de comportamentos discriminatórios numa sociedade na qual há muito devia ser do conhecimento geral que o conceito de raças humanas carece de fundamentação científica. As formas comuns de racismo a que os não-brancos estão sujeitos no Ocidente são tecidas por uma sucessão de pequenos factos, alguns deles conhecidos, outros nem tanto e outros frequentemente desconhecidos — no caso destes últimos, é precisamente a sua ausência do debate público que dá jeito a alguns. Ligados entre si, criam hábitos, e são estes hábitos que levam os brancos a manter os não-brancos numa posição subalterna, primeiro de forma muito clara e assumida, e depois, ao longo do tempo, mais subtilmente, tal como os homens continuam a fazer em relação às mulheres.

Veremos que o pensamento branco não é um exclusivo dos brancos. Também os não-brancos interiorizaram o pensamento a que chamo branco. A máscara branca, para utilizar a expressão de Frantz Fanon², pode ser usada por brancos e por não-brancos. O pensamento branco não tem que ver com a pigmentação da pele, é uma forma de estar no mundo pelo menos desde o tempo das cruzadas. Como afirma Rosa Amelia Plumelle-Uribe, «a conquista da América [no século XVI] e a sua colonização alteraram profundamente as relações dos europeus com os outros. A distância entre diferença e superioridade depressa foi vencida. [...] Durante séculos, a submissão, a exploração, a coisificação e até a eliminação, se necessário fosse, dos seres considerados «inferiores» foram justificadas do ponto de vista ideológico e culturalmente aceites. As vantagens materiais e psicológicas decorrentes da pertença ao grupo superior favoreceram a adopção destes fundamentos que, com o passar dos séculos, se tornaram um elemento cultural quase inextirpável da civilização ocidental»³.

É meu desejo que este livro constitua uma oportunidade para iniciar um diálogo isento de ódio, de sectarismo e de má-fé, que só

1 «La construction du racisme», *Actuel Marx*, 2005/2, n.º 38, pp. 11-28.

2 Frantz Fanon, *Pele Negra, Máscaras Brancas*, *op. cit.*

3 Rosa Amelia Plumelle-Uribe, *La Férocité blanche. Des non-Blancs aux non-Aryens*, Paris, Albin Michel, 2001.

prejudicam o intercâmbio positivo de ideias. Não pretendo virar uns contra os outros, mas tão-somente congregar todas as pessoas de boa vontade em torno de uma mesma demonstração. Existe um sistema, uma construção económica, social e cultural que tem consequências desastrosas, não apenas para os não-brancos, mas também para os próprios brancos. Se queremos mudar a realidade, temos de começar a falar a mesma língua. Tomar consciência da condição a partir da qual falamos — «sou homem/mulher/negro/branco/mestiço/católico/muçulmano/judeu/ateu/etc.» — é o primeiro passo para compreender que não nos pronunciamos sobre a pretensa «descoberta» da América, a escravatura, a colonização, o racismo e a globalização de forma objectiva, mas à luz de poderosos preconceitos históricos e culturais. Analisaremos estes preconceitos e compreenderemos as lógicas que lhes estão subjacentes. Qual é a nossa suposta identidade na História? Que papel é que esta suposta identidade nos obriga a desempenhar? Não é uma acusação, são meras perguntas, que apenas reclamam uma coisa: que olhemos para os factos. O racismo de Estado deixou de existir. Todavia, na origem da situação que vivemos hoje está o facto de, em França por exemplo, ele ter sido uma realidade durante mais de 250 anos. O meu sonho é que todos tenhamos maturidade suficiente para opor resistência e que os nossos pensamentos não voltem a ser comandados pela nossa cor de pele. Que possamos encarar o que o pensamento económico branco fez, e continua a fazer, à humanidade, ao nosso planeta já exaurido.

O presente livro não é um trabalho de «porta-voz». Um branco que expressa os seus pensamentos e sentimentos pode ser um humanista ou outra coisa qualquer. É visto como alguém que fala em nome do Homem universal. Um não-branco é quase sempre catalogado como porta-voz da sua comunidade. O meu objectivo é analisar a construção de um pensamento branco dominante ao longo dos últimos séculos. É necessário examinar esta história, pois não é possível compreender ou resolver os problemas do presente sem conhecer este longo percurso histórico. O entendimento proporcionado pela História expõe a verdadeira natureza do racismo e, acima de tudo, dá-nos armas para construir um horizonte comum.

De resto, para que serve o racismo? Quem são os seus verdadeiros beneficiários? Será possível falar de racismo sem pôr em causa a relação do Homem com as outras espécies vivas?

I.
A HISTÓRIA

1. OS NOSSOS IMAGINÁRIOS

Observe o mapa reproduzido no interior da capa deste livro.

Não, ele não está ao contrário. O mapa tradicional, que o leitor bem conhece, não se parece em nada com este. É natural que se sinta confuso. De tanto olharmos para algo através das mesmas lentes, acabamos por esquecer que é possível vê-lo de outra forma. Sendo o planeta Terra redondo como uma bola de futebol, esquecemos muitas vezes que não há topo, nem fundo, nem direito, nem avesso. Se pegarmos numa superfície esférica (a Terra) e a transformarmos numa superfície plana (um planisfério), nunca poderemos ser objectivos, mesmo sem deixar de fora uma única ilha, um único mar: será sempre uma representação. Realça e clarifica certos elementos, enquanto minimiza outros.

O mapa tradicional da Europa, desenhado por Mercator e que o leitor certamente conhece, não respeita as verdadeiras proporções dos continentes. Para este marinheiro do século XVI, o importante era que a sua carta fosse utilizada como auxiliar do comércio marítimo. O elemento primordial era a extensão dos oceanos, não as superfícies terrestres. Nos mapas tradicionais de que nos servimos, a Europa surge sempre no centro e na metade superior. Será por acaso? A Europa é ampliada, assim como a América do Norte. O continente africano é encolhido ao ponto de parecer mais pequeno do que a Rússia. Será este um pormenor insignificante? A dimensão da América do Sul também é comprimida. É incrível, mas a maioria das pessoas tem, sem o saber, uma visão do mundo distorcida. Neste mapa, quisemos colocar África no centro para lembrar que, hoje, pouco importa o ponto do planeta Terra onde nos encontramos: todos somos migrantes oriundos de África. Com este mapa quis interpelar os nossos hábitos, as nossas representações, as nossas hierarquias. Ao respeitar as proporções reais dos continentes, quis enriquecer o modo como pensamos e suscitar a

seguinte interrogação: por que razão, por exemplo, um continente tão pequeno como a Europa quis colonizar o mundo?

Julgarmo-nos mais importantes do que realmente somos, não será esta uma convicção profundamente enraizada no Ocidente? Um discurso construído durante séculos e que não é decerto obra do acaso. Aliás, o modo como, desde 2002, os chineses vêm repensando a sua cartografia¹ resgata na íntegra o princípio da hegemonia cartográfica da Europa: estar no centro. Não será esta a expressão de uma visão «imperial» do mundo?

A história contada pelos ocidentais e pela cristandade coloca os indivíduos brancos no centro do mundo. Tem sido ensinada nas escolas, disseminada no inconsciente colectivo e difundida no debate público. Os factos são relatados a partir de um único ponto de vista. Ela não confere suficiente destaque a certos elementos, chega a omitir outros, instaura e perpetua a ideia de que o pensamento branco é o padrão global comum. É importante ter consciência de que, sempre que nos manifestamos, fazemo-lo a partir de um ponto de vista particular, no qual acreditamos sinceramente como sendo o verdadeiro. Esquecemos que é apenas um entre vários pontos de vista que traduzem uma visão do mundo, os seus fantasmas, os seus receios, os seus condicionamentos.

Não sei se o leitor estará familiarizado com o termo «agnotologia». Significa, literalmente, «ciência da ignorância» (do grego *agnosia*, «ignorância») e foi cunhado, em 1992, pelo historiador Robert N. Proctor² para descrever a «produção cultural da ignorância». Talvez não saiba, mas certas instituições despendem muito dinheiro e energia para impedir que o leitor conheça ou compreenda determinados factos. As grandes multinacionais do tabaco ou do açúcar gastaram e continuam a gastar milhões de dólares para evitar que a opinião pública seja realmente informada sobre os malefícios dos seus produtos para a nossa saúde. Servem-se de estudos científicos tendenciosos para baralhar as pistas e lançar a dúvida. A «fábrica da dúvida»

1 Ver Hao Xiaoguang (www.hxgmap.com).

2 Stéphane Foucart, «L'ignorance: des recettes pour la produire, l'entretenir, la diffuser», *Le Monde*, 3 de Junho de 2011.

é, aliás, um objectivo deliberado de certos lóbis¹, que se esforçam por complexificar a realidade de maneira a confundir o cidadão comum — «É tudo muito complicado» — e a distraí-lo da verdade o tempo necessário para obterem lucros.

Nos últimos tempos, fala-se muito de *fake news* como se fosse um conceito novo. Assim como os comentários injuriosos que inundam as redes sociais servem amiúde objectivos muito concretos — contra os judeus, contra os muçulmanos, contra a imigração, contra o projecto europeu... —, também a informação histórica é há centenas de anos sonogada, distorcida, filtrada, com o propósito de defender determinados pontos de vista e, por conseguinte, interesses específicos. A História, como bem sabemos, é um auxiliar precioso para compreender o presente e construir o futuro a partir do conhecimento de acontecimentos do passado. No entanto, ela é também um instrumento poderoso que pode ser utilizado pelos Estados para orientar as consciências e levá-las a alimentar uma certa «maneira de pensar» acomodatória e a ignorar muitas realidades (tem, portanto, uma função *agnotológica*). Todas as civilizações, numa dada época, se deixaram impregnar por discursos destinados a constituir-se como provas, como visões «lógicas e naturais». São, na verdade, narrativas grandiosas, todas elas parciais. Vale sempre a pena descobrir o que foi filtrado por estes grandes relatos, o que foi conservado, o que foi expurgado e porquê.

Há evidentemente trabalhos de investigação. Os livros de História fidedignos e, portanto, alheios a estas grandes narrativas e às suas armadilhas ajudam a esclarecer-nos. Estão ao nosso dispor em livrarias e bibliotecas e apresentam análises sobre realidades que, por vezes, desconhecemos por completo. Trata-se de compreender que algo que num determinado momento é tido por verdadeiro não o é para sempre. O problema é que os estudos realizados por estes investigadores não chegam à maioria dos cidadãos. Nem sempre são referidos nos manuais escolares ou nos meios de comunicação social. Não será muitas vezes apenas a verdade de um país o que é ensinado

1 Stéphane Horel, *Lobbytómie. Comment les lobbies empoisonnent nos vies et la démocratie*, Paris, La Découverte, 2018.

PENSAMENTO BRANCO

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso na Guide, Artes Gráficas,
em papel CoralBook de 80 g,
em Janeiro de 2022.